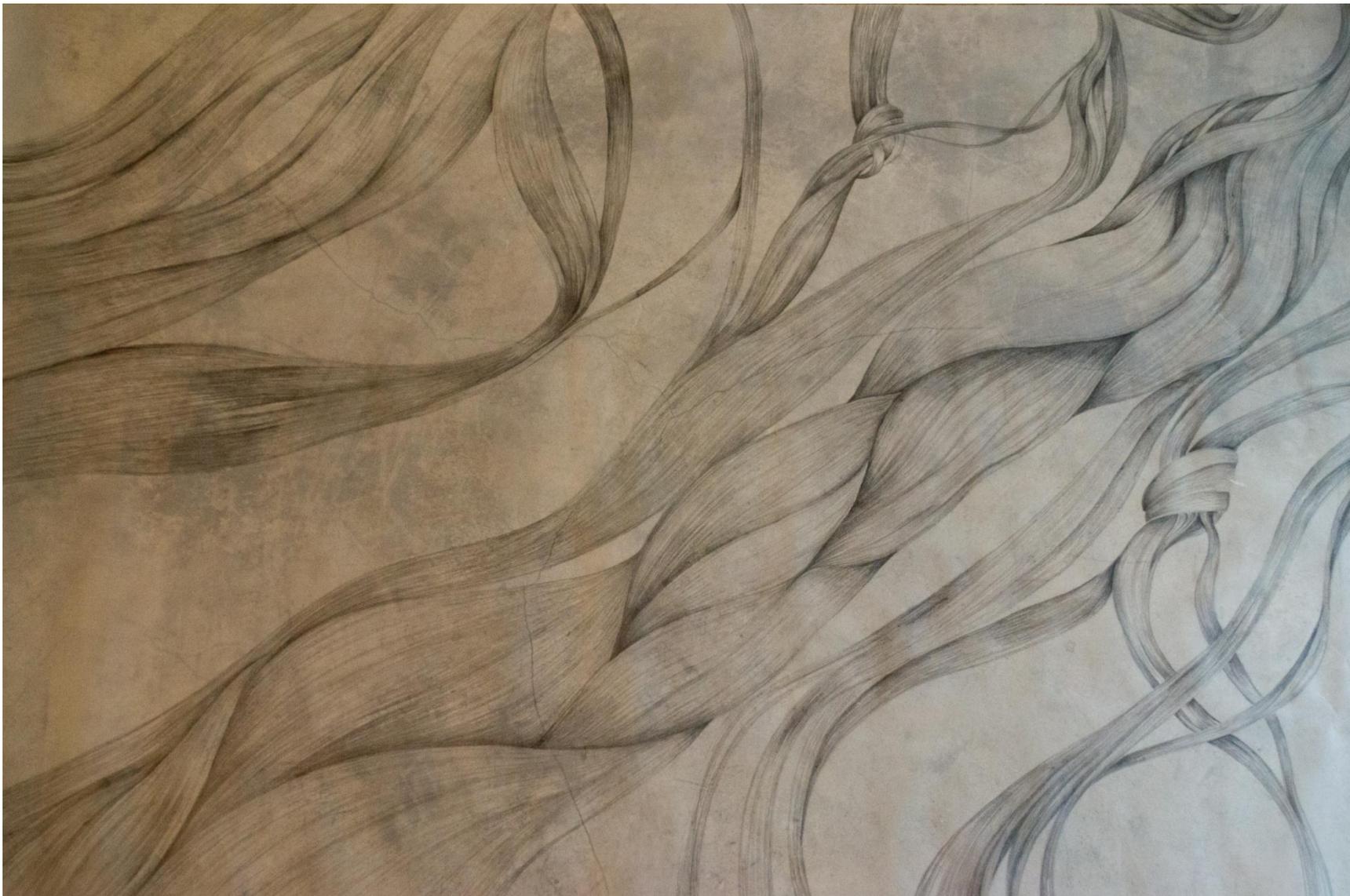


Fernanda Monteiro

2009 – 2017



---

Discurso sobre a memória. 2016. Grafite sobre papel. Dimensões 100x155cm.



---

Discurso sobre a memória. 2016. Grafite sobre papel. Dimensões 100x155cm.



---

Discurso sobre a memória. 2016. Fotografia impressa sobre papel de algodão. Dimensões 35x50cm cada imagem.



---

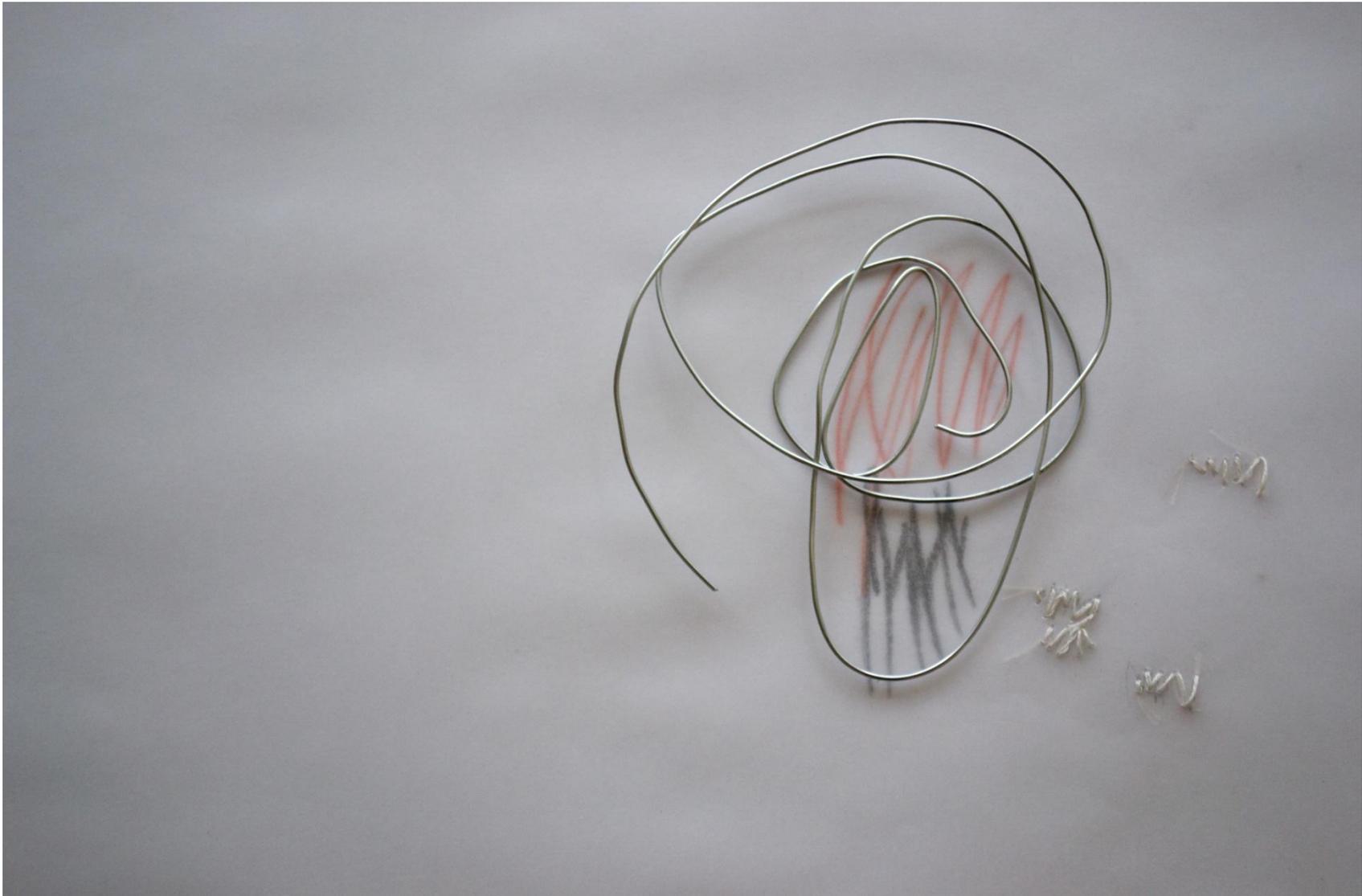
Discurso sobre a memória. 2016. Fotografia impressa sobre papel de algodão. Dimensões 35x50cm.



---

Discurso sobre a memória. 2016. Fotografia impressa sobre papel de algodão. Dimensões: 35x50cm.





---

Materialização da linha. 2015. Fotografia. Dimensões: 35x50cm



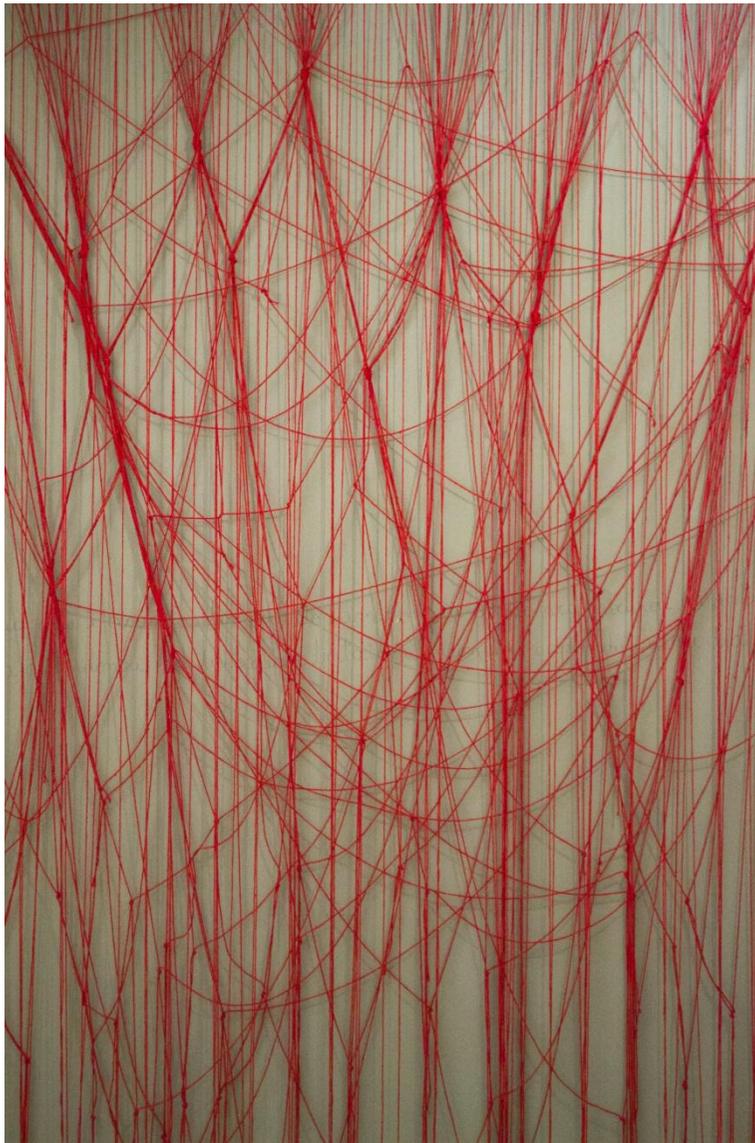
---

Série Bastidores. 2015. Bordado sobre tecido. Dimensões: 20x20.



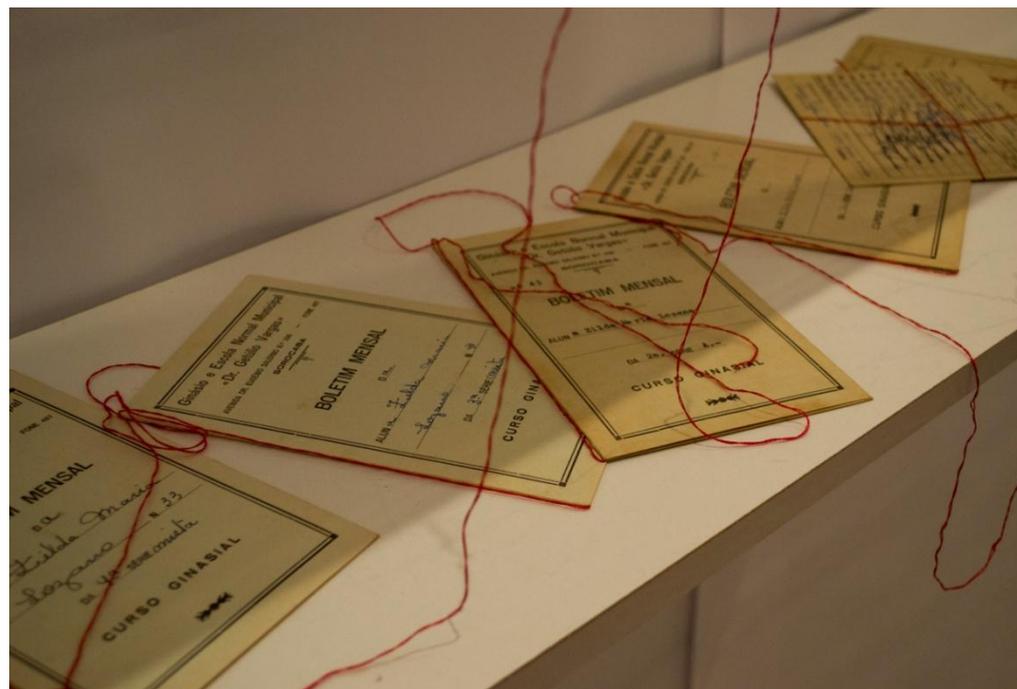
---

Sacos da fortuna. 2016. Assemblagem. Dimensões: 2,80x1,60m. Detalhe.



---

Tramas. 2016. Instalação. Dimensões: 2,80x2,0m. Detalhe.



Histórico escolar. 2016. Assemblagem. Dimensões: 60x80cm.



---

Série Enxoval. 2016. Fotografia. Dimensões: 26x40cm.



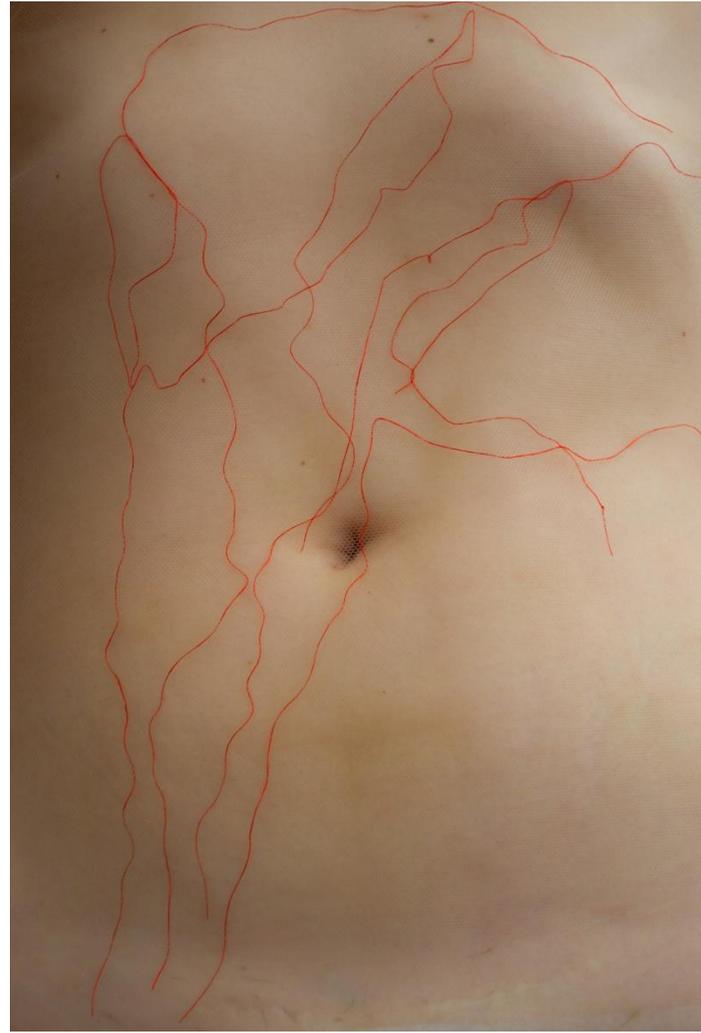
---

Genealogia. 2016. Grafite sobre papel vegetal. Dimensões: 1,52x0,84cm.



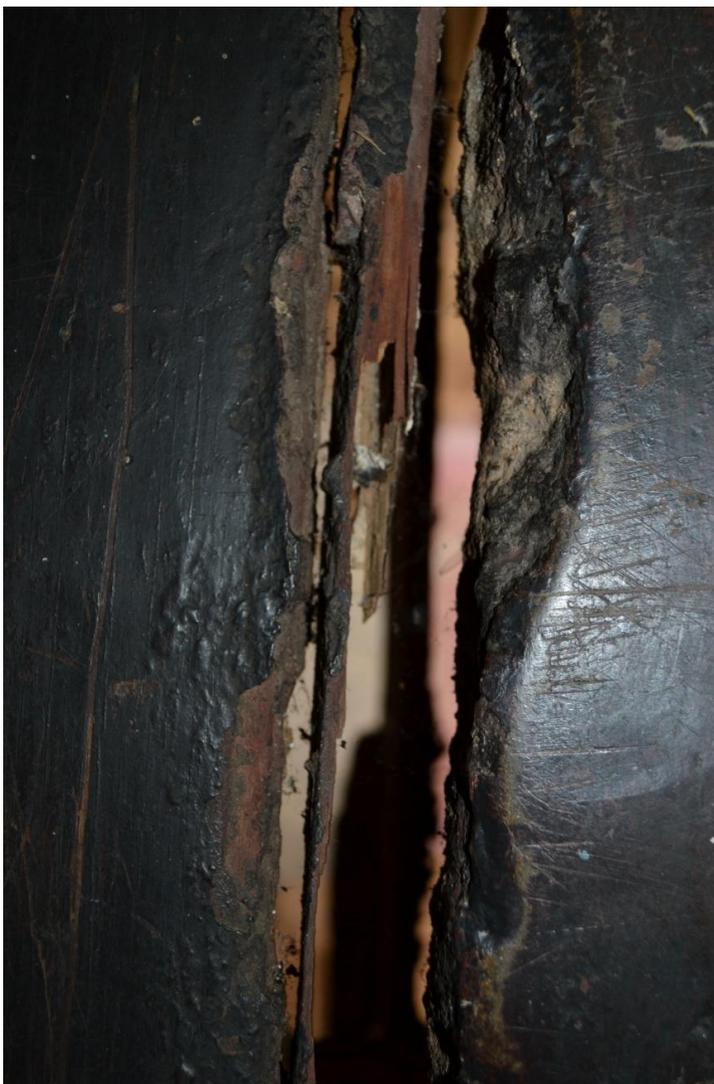
---

Vista da mostra Resíduo. Projeto TRANSitar\_Ocupações da Galeria. 2016. Fernanda Monteiro Galeria de Arte. Sorocaba.



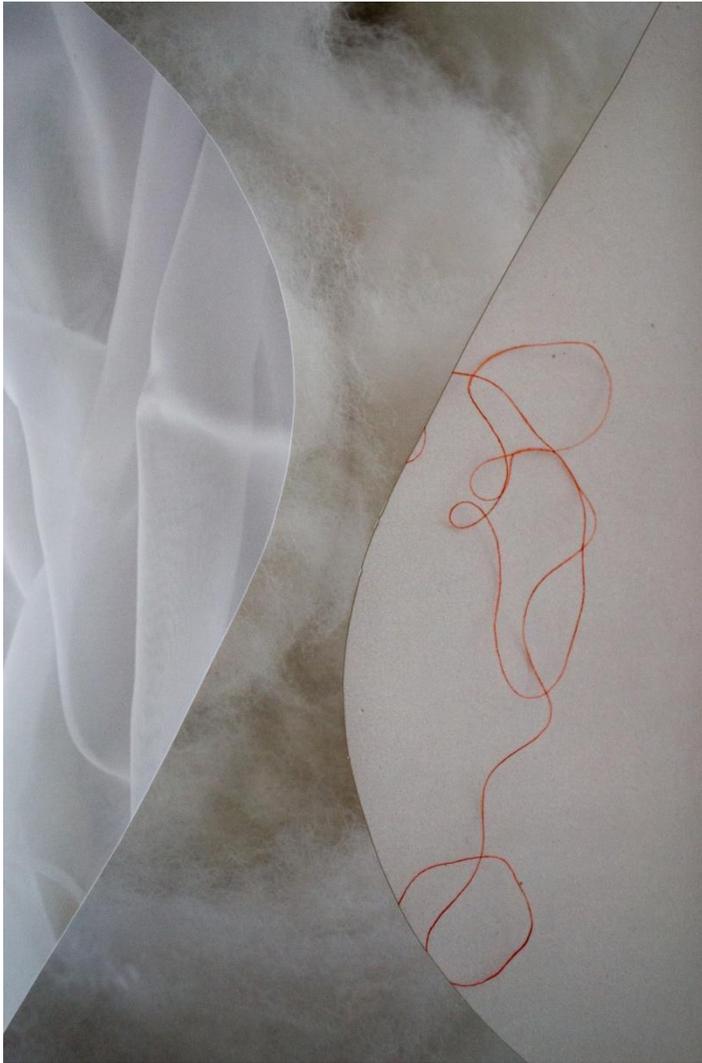
---

Fósseis III. Série Fósseis. 2014. Fotografia. Díptico. Dimensões: 55x40cm.



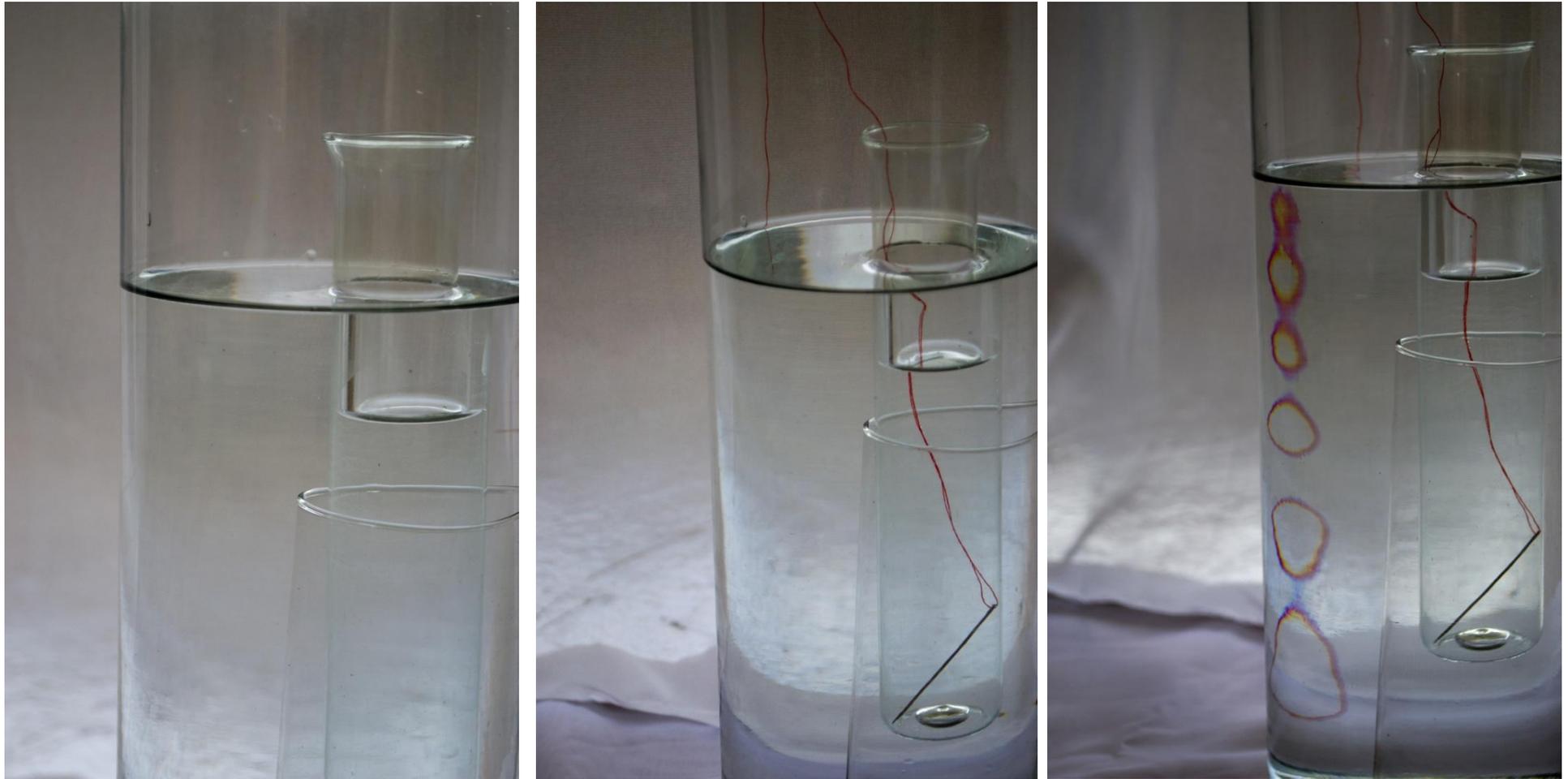
---

Impressão temporal I. Série Impressão temporal. 2014. Fotografia e pintura/colagem. Díptico. Dimensões: 21x30cm cada imagem



---

Visitação. 2013/2014. Sequência Instalativa. Fotografia. Díptico. Dimensões: 40,8x27,3cm cada foto.



---

Visitação. 2013/2014. Sequência Instalativa. Fotografia. Tríptico. Dimensões: 40,8x27,3cm cada foto.



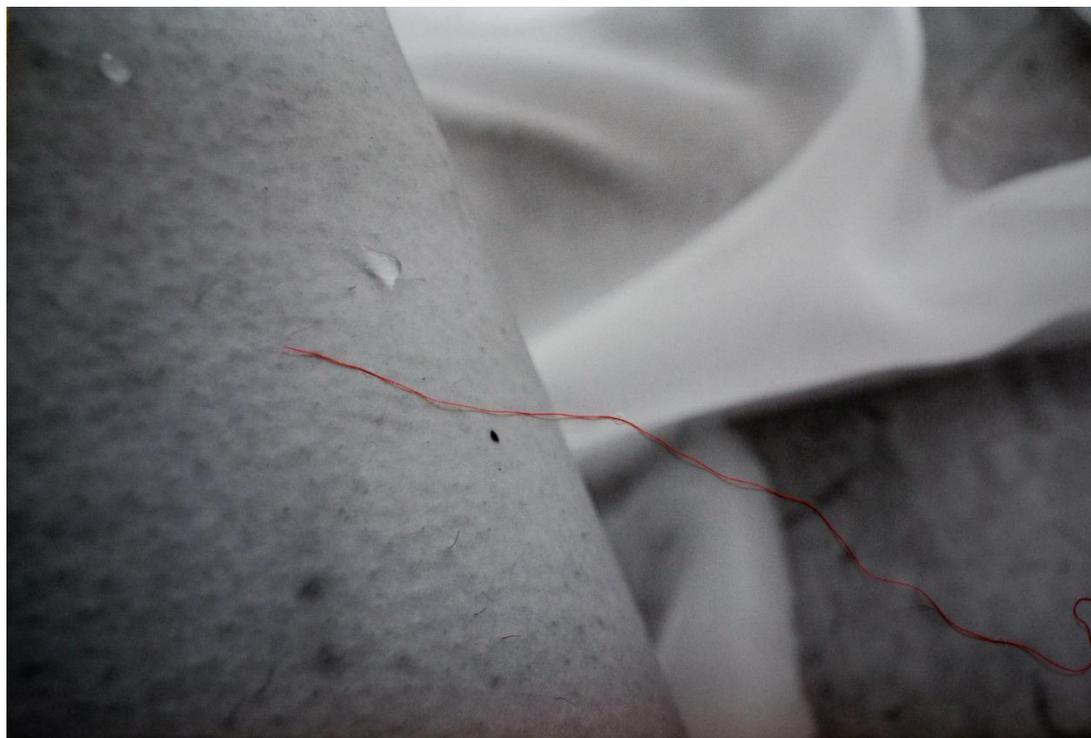
---

Visitação. 2013/14. Sequência Instalativa. Fotografia. Díptico. Dimensões: 40,8x27,3cm cada foto.



---

Visitação. 2013/14. Sequencia Instalativa. Fotografia. Díptico. Dimensões: 40,8x27,3cm cada foto.



---

Visitação. 2013/14. Sequência Instalativa. Fotografia. Díptico. Dimensões: 40,8x27,3cm cada foto.



---

Visitação. 2013/14. Sequência Instalativa. Fotografia. Dimensões: 40,8x27,3cm.



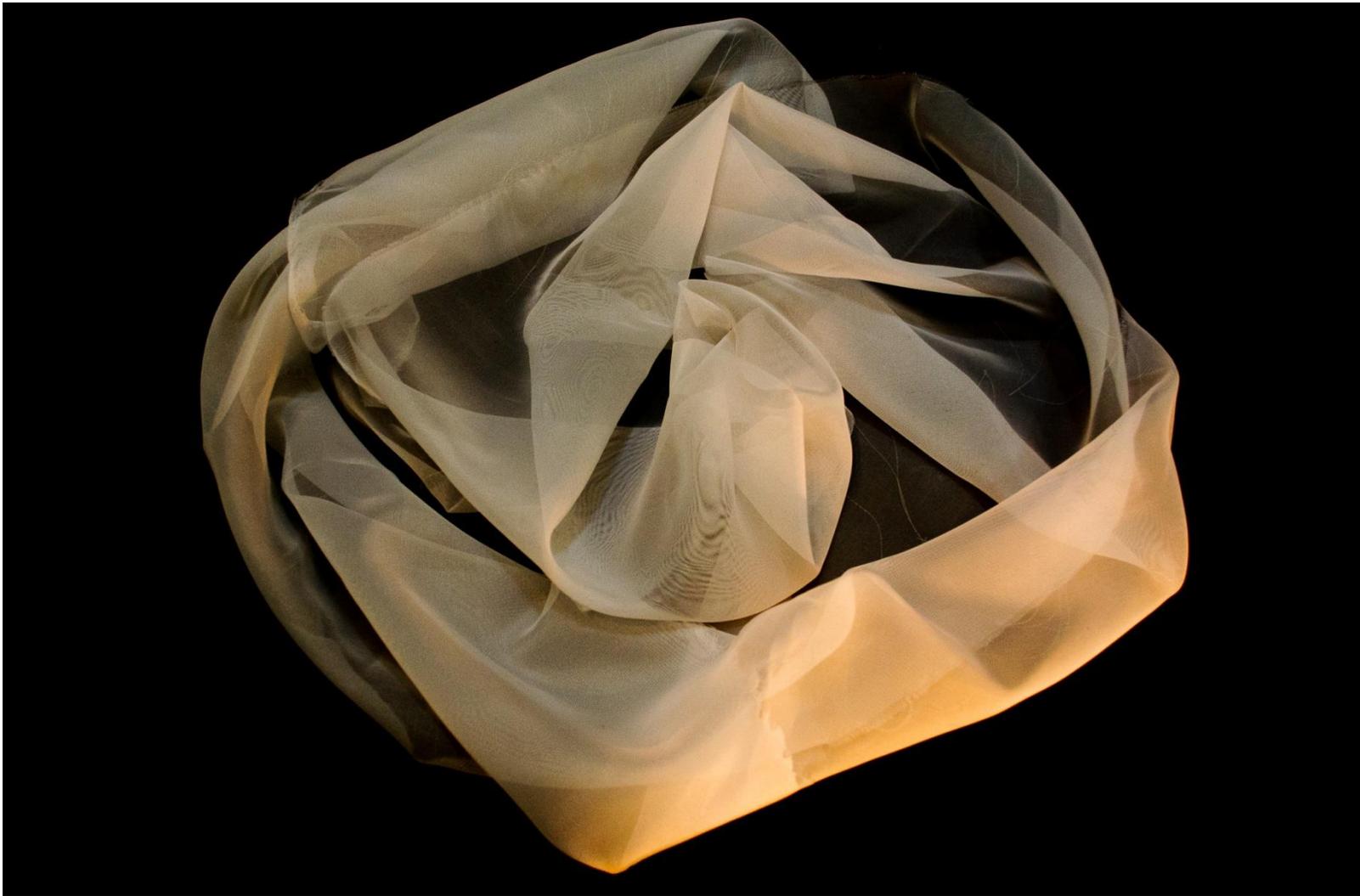
---

Visitação. 2013/14. Sequência Instalativa. Fotografia. Díptico. Dimensões: 40,8x27,3cm cada foto.



---

Vista da exposição. Fernanda Monteiro Galeria de Arte. Sorocaba. 2014



---

Rosales singularis. Série Rosales. 2012. Fotografia. Dimensões variáveis.



---

Rosales incomparabilis. Série Rosales. 2012. Fotografia. Dimensões variáveis.



---

Rosales incommunis. Série Rosales. 2012. Fotografia. Dimensões variáveis.



---

Indício construtivo I. Série Indícios Construtivos. 2012. Fotografia. Dimensões variáveis.



---

Indício construtivo III. Série Indícios construtivos. 2012. Fotografia. Dimensões variáveis.



---

Indício construtivo IV. Série Indícios Construtivos. 2012. Fotografia. Dimensões variáveis.



---

Sem título. 2012. Assemblagem. Dimensões aproximadas: 60x100x60cm



---

Perder-se também é caminho. 2011. Colagem. Dimensões: 80x80x12cm



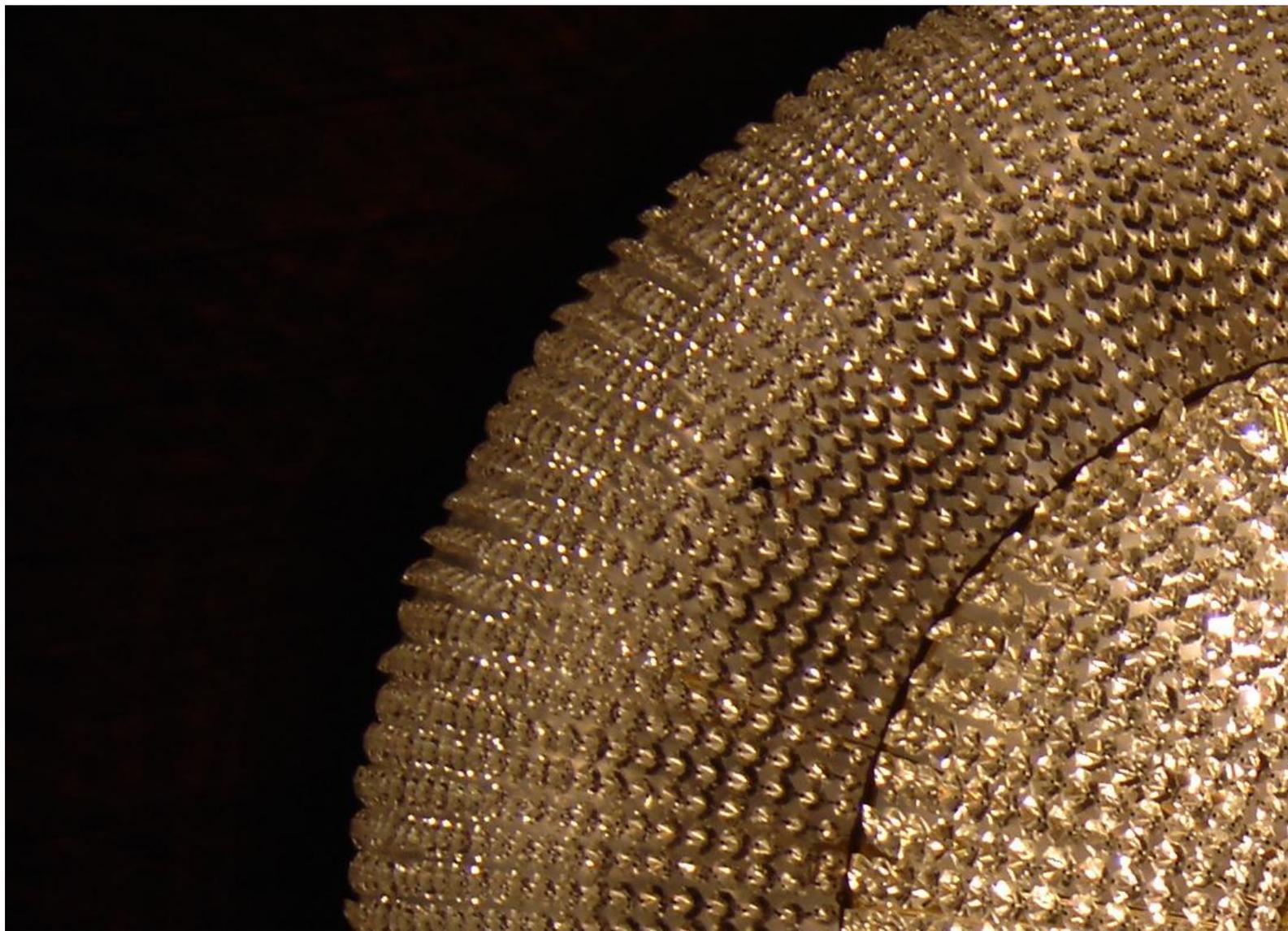
---

Trivial. 2010. Assemblagem. Dimensões: 8x43x43cm



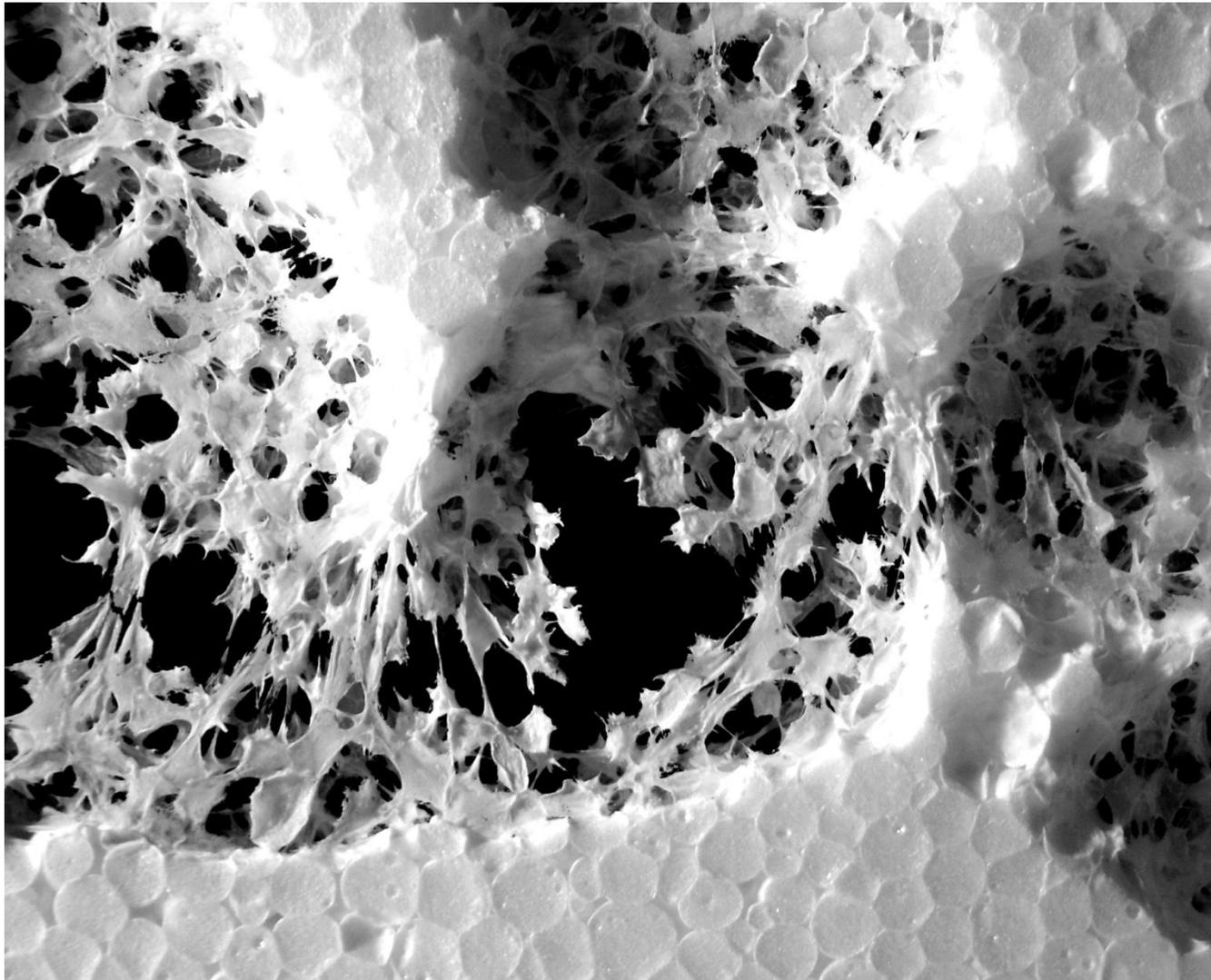
---

Sem título. Série Transparecer. 2010.  
Assemblagem. Dimensões: 33x32,5x30,5cm



---

Sem título. Série Transparecer. 2010. Fotografia em canvas. Dimensões: 40x60cm



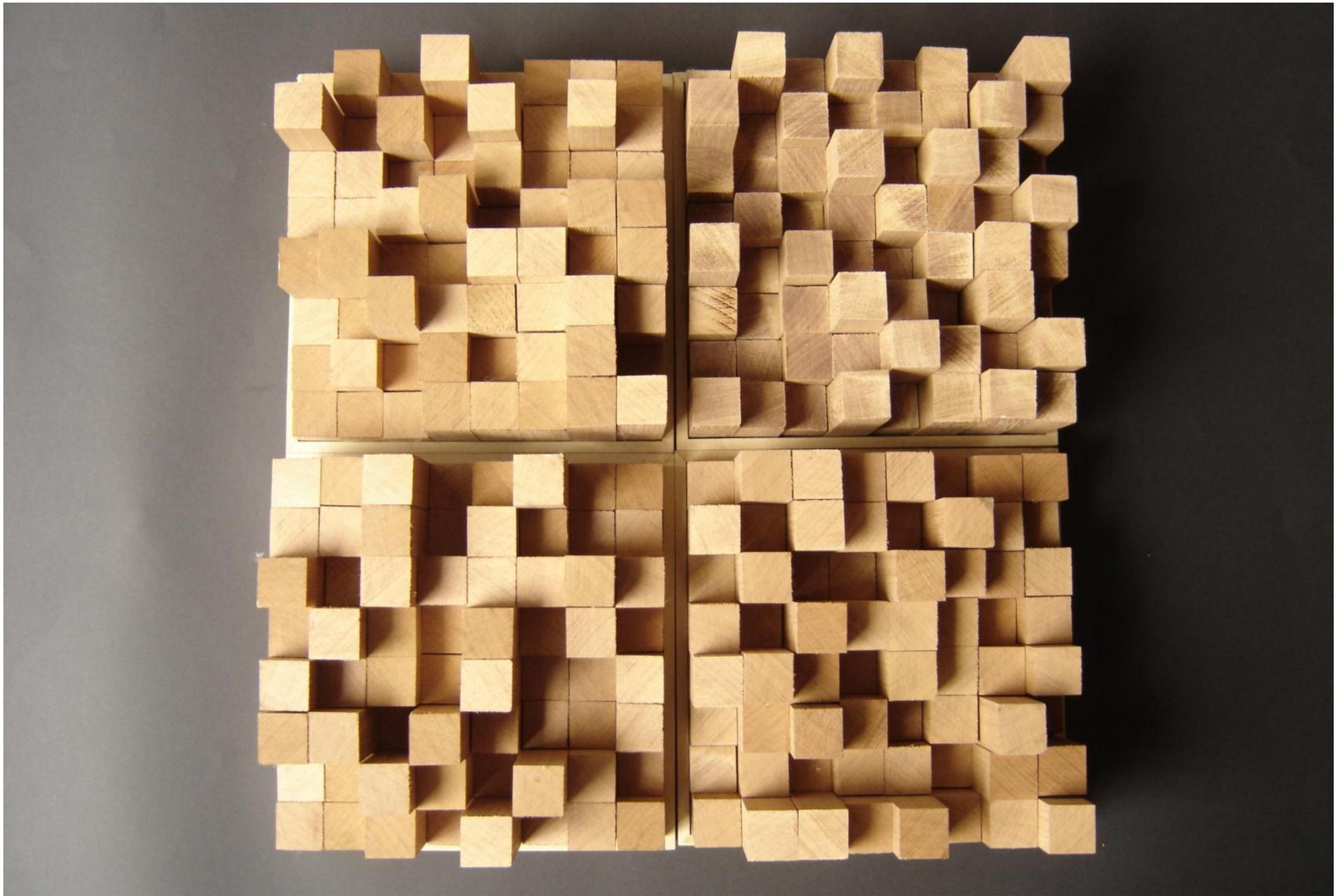
---

Sem título. 2009. Fotografia. Dimensões variáveis.



---

Sem título. 2009. Fotografia. Dimensões variáveis.



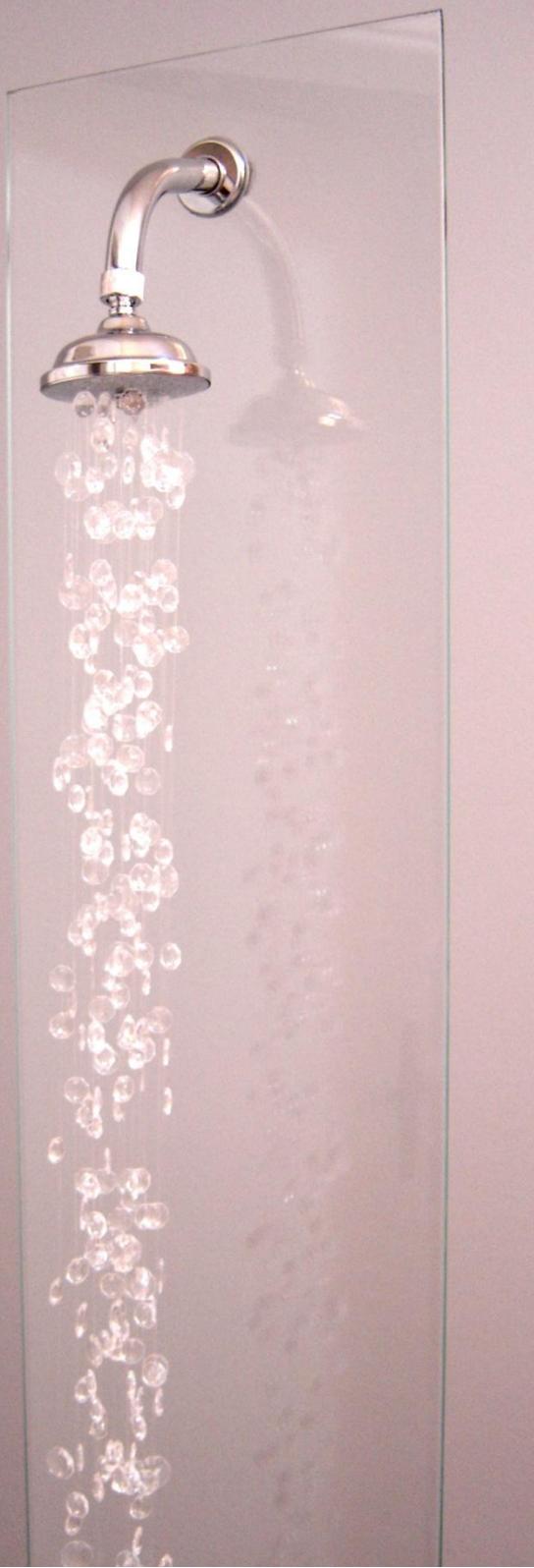
---

Sem título. 2009. Assemblagem. 4 módulos de 20x20cm



---

Sem título. 2009. Assemblagem. Dimensões:15x10x8cm



---

Sem título. 2009. Instalação. Detalhe. Dimensões: 190x45x45cm

Sorocaba, 1979.

Vive e trabalha em Sorocaba/SP.

Bacharel em Direito pela Faculdade de Direito de Sorocaba (2002). Pós-graduada em Direito Constitucional pela Escola Superior de Direito Constitucional de São Paulo (2004).

Formada em Arte pela Escola Panamericana de Arte e Design de São Paulo (2009) e em Licenciatura em Arte pela Faculdade Anhanguera de Sorocaba (2011).

Mestre em Comunicação e Cultura pela Universidade de Sorocaba (2017). Bolsista da Capes.

Pesquisadora participante de Grupo de Pesquisa em Imagens Midiáticas na Universidade do Sorocaba desde agosto de 2014.

Pesquisadora participante do Grupo de Pesquisa Teoria Crítica e Sociedade do Espetáculo na Faculdade Cásper Líbero (São Paulo) desde fevereiro de 2016.

Proprietária e administradora da Fernanda Monteiro Atelier e Galeria de Arte em Sorocaba.

### **Exposições individuais**

2010 “Provocando o olhar”. Fundec. Sorocaba

2011 “Transparecer”. Fernanda Monteiro Galeria de Arte. Sorocaba

2012 “Una Rosa”. Teatro Municipal Theotonio Vilela. Sorocaba

2014 "Irreversível". Fernanda Monteiro Galeria de Arte. Sorocaba

2016 Ocupação "Resíduo". Projeto TRANSitar. Fernanda Monteiro Galeria de Arte. Sorocaba

2016 Discurso sobre a memória. Sesc Sorocaba. 1º. Andar.

### **Exposições coletivas**

2010 Coletiva Escola Panamericana de Arte e Design. MUBE. São Paulo

"KromosSOMA". Biblioteca Municipal de Sorocaba

Fundec. Sorocaba

III Salão de Inverno da Galeria Mali Villas Bôas. São Paulo

"Petit Format". Galeria Mali Villas Bôas. São Paulo

Coletiva Galeria Mali Villas Bôas. Memorial da America Latina. São Paulo

"Por que fazemos arte?". Galeria Mali Villas Bôas. São Paulo

2011 "Jardins de Monet". SABINA Parque do Conhecimento. Santo André

"Papel em Branco". Fernanda Monteiro Galeria de Arte. Sorocaba

Fundec. Sorocaba

"Atua.art". Fernanda Monteiro Galeria - Sorocaba

Fundec Sorocaba

Museu de Votorantim

2012 Projeto Arte na Mesa. Intervenção Urbana. Restaurantes de Sorocaba

Projeto Escambo – Quanto Vale a arte? Intervenção Urbana. Praças Públicas de Sorocaba

2014 Grande Salão de Arte Contemporânea de Santa Bárbara d'Oeste. Curadoria Carlos Augusto de Almeida

Mostra Grande Salão de Arte Contemporânea em São Paulo. Biblioteca Prestes Maia. São Paulo. Curadoria Carlos Augusto de Almeida

2014/2015 FRESTAS Trienal de Arte de Sorocaba. Sesc Sorocaba.

O que seria do mundo sem as coisas que não existem? Curadoria Josué Mattos

Assistente da artista Ana Gallardo

Poipoidrome. Curadoria Josué Mattos

Projeto Quer expor na Trienal? Pergunte-me como. Sesc Sorocaba

Assistente da artista Christiana Moraes

Atelier de Pesquisa em Poéticas Visuais

Obra inédita

2015 “Livre Manifestação”. Centro Cultural Martha Watts. Piracicaba.

2016 Projeto TRANSitar. Fernanda Monteiro Galeria de Arte. Sorocaba.

## **Prêmios**

2010 Prêmio Criatividade no III Salão de Inverno da Galeria Mali Villas Bôas. São Paulo

Fernanda Monteiro inicia sua pesquisa manifestando interesse pela potencialidade artística que percebe em objetos, materiais e texturas presentes em seu cotidiano aos quais atribui valor simbólico. A agregação destes materiais resulta na produção tridimensional que norteia seu trabalho de 2009 até o início de 2012.

Observando e registrando sua própria produção, percebe desnecessária a existência física de seus objetos; assim surgem esculturas e composições efêmeras, manipuladas e mantidas através da fotografia a que a artista se dedica entre 2013 e 2014.

Partindo do efêmero como núcleo de interesse, a artista constrói uma poética visual fincada na memória afetiva e nas significações que atribui à linha, elemento formal recorrente em seu trabalho, bases conceituais de sua produção atual.

Discurso sobre a memória. Sesc Sorocaba. (nov. 2016/jan 2017)

Dentre as coisas inquietantes que me impulsionam a trabalhar percebo a recorrência de questões relativas à memória. Por mais que tente me desviar da narrativa auto-referencial, a memória afetiva se revela lenta e paulatinamente em minhas construções conceituais. Não se trata só de lembranças ou de elaboração de fatos passados que vincaram a alma, deixando cicatrizes encobertas, mas de certo receio do esquecimento.

Toda memória é seletiva, no sentido de que é preciso esquecer determinadas coisas para que se possa lembrar outras. Eis a minha angústia. Não controlamos esta relação entre esquecer e lembrar e estamos sujeitos ao apagamento de pontos importantes, ao mesmo tempo em que nos resignamos às memórias destrutivas.

Revisitando minha própria produção em busca de pontas soltas que desencadeiam novos processos analógicos e criativos, percebi no interior de meu discurso sobre a efemeridade e a fragilidade, que permeou meu trabalho entre 2012 e 2014, a possibilidade de resignificação da linha. A linha, coadjuvante no processo de elaboração de narrativas autobiográficas e/ou decorrentes da minha relação com a exterioridade e que se coaduna com uma condição de fragilidade, impôs-se como elemento visual dominante e constante na produção do período assinalado. Embora o centro de interesse fosse outro, esta linha insistente, que se encarnava como vida, malha sanguínea, costura, sutura, era o início de um percurso que passei a explorar a partir de 2015. Uma busca que chamei de Resíduo.

Resíduo porque decorria de sobra, daquilo que ficou retido no fundo da peneira, uma parte insolúvel, cinzas de um processo, que por um mero acaso permaneceram, suplantando intenções, combatendo o racional, driblando a consciência em uma total insubordinação. Uma série de fragmentos, objetos, histórias, que tinham sobrevivido ao tempo, que para mim sempre fora tão implacável. Eram coisas que eu não tinha guardado propositadamente, mas que ficaram, por qualquer motivo, livres do descarte. Apropriando-me e refletindo sobre estes achados, percebi neles uma potencialidade estética e conceitual, que me permitiu transformá-los em tentativas de sistematizar uma poética ainda insipiente. Desenhava-se então a possibilidade de um discurso sobre a memória.

Gosto da ideia de discurso desde que o descobri como um processo contínuo, que remete ao antecedente e aponta para o conseqüente, perpetuando-se. Acho bastante pertinente sua associação à minha produção artística por permitir que eu descreva esse encadeamento sucessivo de ideias, ao mesmo tempo que admite deslizos, quebras de um eixo cartesiano de construção narrativa dentro da linguagem artístico-conceitual.

Pesquisando sobre a memória, deparei-me com um pensamento de Jeanne Marie Gagnebin, filósofa, escritora suíça e professora, residente no Brasil desde 1978, que aponta dentre as formas de esquecimento natural e necessário, o não saber, o saber mas não querer saber, o fazer de conta que não se sabe, o denegar e o recalcar<sup>1</sup>, memórias travestidas de esquecimento. Na sequência deste pensamento, a mesma autora descreve poeticamente o trauma como “uma ferida aberta na alma, por acontecimentos violentos, recalçados ou não, mas que não conseguem ser elaborados simbolicamente, em particular sob a forma de palavra, pelo sujeito.”<sup>2</sup>

Quando Jeanne Marie descreve a cicatriz como uma metáfora da memória, percebi que minha motivação era a articulação de possibilidades em torno de uma memória afetiva como uma espécie de sobrevivida. Havia uma necessidade de discursar sobre essas lembranças, traduzindo-as para a linguagem visual, dando a elas uma dimensão para além do relato.

Desta maneira, valendo-me do Resíduo, como fagulha insistente que escapa ao descarte e me interpela, demonstrando a contragosto seu caráter qualitativo, disfarçando-se de esboço e tornando-se protagonista de um processo criativo, passo a discursar sobre a memória afetiva, construindo uma narrativa que perpassa a auto referêcia e pretende recriar histórias por mim colecionadas ao longo dos anos.

---

<sup>1</sup>GAGNEBIN, Jeanne Marie. Lembrar, escrever, esquecer. São Paulo: Editora 34. 2006, p. 97.

<sup>2</sup> Idem, p. 107.

## Projeto TRANSitar\_Ocupações da Galeria (2016)

O Projeto TRANSitar, uma iniciativa independente da Fernanda Monteiro Galeria de Arte, envolveu uma série de ações artísticas dentro e fora da Galeria, que iniciaram no início de 2016 com as *intervenções na fachada* do imóvel onde se situa a Galeria, que anunciaram as *ocupações*, três mostras que ocorreram ao longo do primeiro semestre de 2016 em seu interior. Acompanharam as *ocupações*, um conjunto de propostas educativas denominadas TRANSformar, que foram realizadas dentro e fora do espaço expositivo da Galeria, durante o período das mostras.

O Projeto contou com a participação de cinco artistas sorocabanos, Fernanda Monteiro, Joaquim Marques, Lefícia Barreto, Maria Radicce e Mazé Perbellini.

Sobre o projeto conceitual:

O prefixo **TRANS** carrega consigo o sentido de ir mais além, emprestando às palavras por ele prenunciadas tal característica. Muitos dos verbos por ele constituídos, a exemplo de transcender, transformar, transgredir, transmitir, transmutar, transparecer, transpor, transtornar, transverberar, transverter, trazem uma estreita relação com o fazer artístico. A escolha do verbo “transitar” como identidade da mostra revela seu objetivo de desnudar um percurso, um processo contínuo, ainda inconcluso, entre a tentativa, o fracasso e o eventual acerto. Transitar significa antes de tudo mover-se, seguir independente de um rumo certo, da premeditação de um objetivo, comportando a possibilidade da “deriva”, do deixar-se levar, do permitir-se característico da experimentação.

Além disso, o prefixo “trans” pode ser traduzido em um acróstico, onde cada letra denuncia um vocábulo pertinente àquilo que fazem os artistas: **T**entativa, **R**esistência, **A**rte, **N**egociação, **S**entido.

Dentre as *ocupações* da Galeria está a mostra Resíduo da artista.

## Resíduo (2015/2016)

Percebida como um “resíduo” do trabalho anterior da artista, que compôs a individual Irreversível entre 2014/2015, a linha como elemento formal e simbólico serviu como pretexto para um novo pensamento. A princípio, como forma de demarcação de um percurso, é apropriada pela cópia. Em seguida, impregnada por lembranças, a linha passa a tecer uma trama afetiva, costurando histórias de mulheres de uma mesma linha genealógica. São histórias triviais, reavivadas por achados casuais, aparentemente sem importância, restos sobreviventes, um descarte incompreendido que se impõe com total insubordinação, passando à agente motivador de uma nova produção.

Série Fósseis (2014)

O vergalhão exposto da pedra faz lembrar um fóssil, a memória do tempo impressa na matéria morta. Remete à malha sanguínea e aos vincos da pele, linhas da vida.

O viço da pele vívida contrapõe-se a aridez da rocha que parece evidenciar um percurso de outrora. Vestígios de vida.

O que é que não deixa marcas?

Existir é impressão.

Série composta por cinco dípticos envolvendo fotografia, pintura e costura.

## Série Impressão temporal (2014)

Tempo é um conceito fundamental quando nos referimos à transformação. Sem a ideia de transformação, não haveria a menor necessidade de nos reportarmos ao tempo. O tempo traz consigo um caráter implacável, sendo responsável e até culpável por gravar fisicamente sua passagem na matéria. No entanto, na mesma medida que marca também sublima cicatrizes internas, residuais, que estão além da pele.

Registrar o estrago feito pelo tempo na superfície das paredes, do chão, nos batentes de portas e janelas do Mosteiro de São Bento, local de nascimento da cidade de Sorocaba, foi uma reação primeira ao encantamento que a transformação da matéria pelo tempo causou na artista. Tentar inutilmente reparar os danos através de suturas e delicadas pinturas é uma forma de revelar sua própria fragilidade diante do inevitável.

O que se busca com esta série composta por quatro dípticos envolvendo o registro através da fotografia de superfícies castigadas pelo tempo e a pintura destes sulcos sobre vidro é uma maneira de suavizar os acontecimentos e seguir diante da impossibilidade de se reverter o que de alguma forma já está consumado.

## Sequência Visitação. Ato e efeito de visitar (2013/2014)

Partindo de uma narrativa auto-referencial e recorrendo a efemeridade da composição mantida através da fotografia, são alinhados nesta sequência conceitos de impermanência, frustração e irreversibilidade.

O tecido, leve e transparente, a princípio enuncia uma preparação típica da espera, juntamente com a água límpida e contida. A linha vermelha revela vida, vasculariza, mas rompe-se abruptamente. Há um colapso, as estruturas se demantelam, não há mais como conter.

O corpo aparece de maneira secundária, apenas para marcar a materialidade da frustração já evidente.

Tenta-se inutilmente reparar o roto. A cicatriz permanente é prova de irreversibilidade e faz lembrar a impermanência. É prova do ato e do efeito de visitar.

## Série Rosales (2012)

Tendo como centro de interesse a composição, a artista, que até o início de 2012 dedicou-se a produção de assemblages, cria uma série composta por 10 esculturas efêmeras manipuladas e mantidas através da fotografia.

O tema corriqueiro, extraído do cotidiano dos exercícios de atelier a que muitos um dia já se dedicaram, é somente um pretexto para uma pesquisa que teve como ponto de partida o registro de obras já concluídas pela artista por meio da fotografia.

Foi neste momento que a determinação do campo visual e do ângulo tornou-se elemento essencial para a leitura da obra, que deixou de existir fisicamente enquanto escultura.

A definição da série como “Rosales” deriva diretamente da semelhança das obras com rosas, sendo este o termo que designa a ordem a que pertence esta espécie flores dentro de uma classificação biológica.

Cada uma das imagens recebe um nome que a identifica como um “ser” pertencente à ordem das Rosales e a uma determinada “espécie”. Esta espécie é definida por um vocábulo em latim que se refere diretamente a sua excepcionalidade ou raridade, criando um paradoxo, uma vez que em todas as esculturas foram empregados materiais vulgares.

## Série Indícios construtivos (2012)

Indícios construtivos é uma série composta por 12 fotografias que revelam imagens coletadas em obras de construção civil. Tendo a transitoriedade como elemento norteador deste trabalho, a artista focaliza estruturas temporárias presentes nas áreas visitadas.

A precariedade anuncia um vestígio que sugere o ato de edificar ou demolir. Daí o título "indícios", que designa algo existente, porém de forma imprecisa ou duvidosa. Não há como determinar se há ruína ou construção, embora se tenha certeza a respeito do caráter provisório, acentuando a efemeridade característica daquilo que é material.

## Série Transparecer (2011)

A qualidade do transparente como algo que pode não ser notado ou possibilitar a visualização além daquilo que se apresenta em primeiro plano é o ponto de partida de uma série composta por 10 assemblagens e 2 pequenas instalações feitas a partir de materiais transparentes e refletivos.

O verbo transparecer, empregado aqui no sentido de revelar-se, manifestar-se no todo ou em parte, permitir que seja visto, aparece como imperativo, determinando que se note pela primeira vez aquilo que poderia ter sido percebido anteriormente, mas não foi.

O uso de materiais refletivos em conjunto com as transparências cria barreiras, multiplica imagens e integra observador e obra, compondo um único universo que funde interior e exterior, ligando o que está dentro ao que está fora.